

Econ. Brasil Moratória é solução, reafirma Celso Furtado

6 JUL 1982
JORNAL DE BRASÍLIA

“Se o Brasil decretar a moratória unilateral não haverá maiores represálias contra o País. Os bancos estrangeiros continuarão a financiar nossas exportações do mesmo jeito, pois eles estão aí para ganhar dinheiro e tirar proveito da situação”, disse o economista e ex-ministro do governo João Goulart, professor Celso Furtado.

“Só uma pessoa inocente pode ser levada a acreditar que em caso de moratória todo o fluxo do comércio internacional para o Brasil seria interrompido, bem como os créditos bancários” — afirmou Celso Furtado, para lembrar que os bancos não punem ninguém, apenas transferem os financiamentos, que fariam normalmente para o Brasil controlar o balanço de pagamentos, para outras linhas de crédito de menos riscos.

“Agora”, enfatizou Celso Furtado, “os bancos não podem permitir que o Brasil negocie a moratória”. Fundamentando este ponto de vista, disse que, para remediar a situação, as instituições financeiras dos Estados Unidos, principalmente, concederão novos créditos a curto prazo para que o devedor role sua dívida. Celso Furtado reconheceu, no entanto, que esta situação de insolvência prolongada do Brasil causa muita apreensão nos países desenvolvidos, mais precisamente aos bancos.

Existe uma lei nos EUA, segundo Celso Furtado, que proíbe que os bancos domésticos contabilizem em seus ativos o pagamento de juros atrasados além dos 60 dias, “e o Brasil há 45 dias não paga juros”. Quando indagado se completar os 60, o país poderia deixar de pagar estes juros, Celso Furtado concordou que sim, mas ressaltou que é por isso mesmo que eles (os bancos) não permitirão a moratória e concederão sempre novos empréstimos.

CONTRA A RECESSÃO

Todas estas declarações do economista Celso Furtado foram feitas ontem no início da noite, no gabinete da presidência do PMDB, na Câmara Federal, quando em visita ao ex-senador Teotônio Vilela, que preside interinamente o partido. Antes de retornar ao Brasil, há 15 dias, Celso Furtado, conforme ele próprio informou, viajou pelos EUA, Europa, México, Colômbia e Venezuela, mantendo contatos a níveis de governo e discutindo a problemática da dívida externa dos países do Terceiro Mundo.

Celso Furtado condenou veementemente a política de recessão aplicada



Marcio Di Pietro

Furtado insiste na moratória

ao Brasil desde 1981. “Já conversei com pessoas dos círculos financeiros internacionais, quando me disseram que a política recessiva não se aplica ao Brasil. Isso é coisa de país rico, que tem instrumentos de proteção da sociedade, como salário desemprego e um nível de bem-estar que permite passar um período de crise”.

Ainda mais — acrescentou Celso Furtado — “recessão é para, o máximo, um ano. No acordo com o FMI ficou expresso que a recessão duraria três anos, mas algumas pessoas dizem que será de seis”.

Antes da palavra do visitante, o presidente em exercício do PMDB, Teotônio Vilela, falou rapidamente sobre seu “Projeto de Emergência” para recuperar a economia nacional.

Declarando que sobre este projeto já fez 58 palestras em 14 Estados, o ex-senador observou que em suas andanças pôde constatar que existe um clima favorável às novas propostas. “O Brasil todo está preparado para receber um projeto formal. O povo está angustiado, até o banqueiro que sabe que logo mais vai quebrar o nariz fala mal do governo!”.

Logo em seguida, Celso Furtado viria a concordar com Teotônio Vilela. “A impressão que se tem é de um país sem governo, onde nem o Banco Central — que deveria fiscalizar todos os bancos — funciona”. O economista, que é um dos filiados e grandes colaboradores do PMDB, arrematou dizendo que no Brasil as autoridades costumam criar falsos problemas para esconder problemas verdadeiros.